

## ***O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO, DE CHIWETEL EJIOFOR SOB A LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA (ADE)***

Erick Samuel Silva Thomas (UFG/NELIM/CAPES)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)

**Abstract:** This work aims to analyze the effects of meaning in the communicative interactions of the film *The Boy Who Harnessed the Wind* between William Kamkwamba and other characters, such as family, friends, and teachers, considering the natural, mental, and social ecosystems. Regarding the mental ecosystem, we drew on studies about memory by Damásio (2012, 2018), Halbwachs (2013), and Le Goff (1990), as well as on image analyses proposed by Aumont (2002). These interactions were analyzed through the lens of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA), which is based on two fundamental principles: (1) the unconditional defense of life and (2) the fight against all avoidable suffering (COUTO; RAMADAN, 2024). The film is based on a true story, portraying the life of young William Kamkwamba, a resident of a village in the Republic of Malawi, East Africa. Throughout the film, we observe how the protagonist deals with hunger, depression, and the loss of his dog Gwamba, causing great pain and suffering, as the animal was one of the few friends he still had. The analysis of interactions, associated with the concepts of memory and image, was fundamental to understanding the challenges faced by the protagonist in interacting with others and the effects of meaning present in these interactions. Throughout the narrative, we identified the courage and determination of the character in overcoming difficulties in accessing education. Furthermore, we observed suffering and resilience, evidenced by overcoming hunger and building a windmill at the end of the story. This act, by enabling the harvesting of food and improving the living conditions of the village, aligns directly with the principles of EDA: the defense of life and the minimization of avoidable suffering.

**Key-words:** Ecosystem Discourse Analysis (EDA); Communicative interactions; Image; Memory; The boy who discovered the wind.

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo analisar os efeitos de sentido nas interações comunicativas do filme *O Menino que Descobriu o Vento*, entre William Kamkwamba e outros personagens, como família, amigos e professores, considerando os ecossistemas natural, mental e social. Em relação ao ecossistema mental, utilizamos os estudos sobre memória de Damásio (2012, 2018), Halbwachs (2013) e Le Goff (1990), bem como as análises de imagem propostas por Aumont (2002). Essas interações foram analisadas sob a ótica da Análise do Discurso Ecológico (ADE), que se baseia em dois princípios fundamentais: (1) a defesa incondicional da vida e (2) a luta contra todo e qualquer sofrimento evitável (COUTO; RAMADAN, 2024). O filme é baseado em uma história real, retratando a vida do jovem William Kamkwamba, habitante de um vilarejo na República do Malawi, na África Oriental. Durante o filme, observamos a maneira como o protagonista lida com a fome, a depressão e a perda de seu cão Gwamba, causando grande dor e sofrimento, já que o animal era um dos poucos amigos que lhe restaram. A análise das interações, associadas aos conceitos de memória e imagem, foram fundamentais para compreender os desafios enfrentados pelo protagonista ao interagir com os outros e os efeitos de sentido presentes nessas interações. Identificamos, no decorrer da narrativa, a coragem e determinação por parte do personagem ao enfrentar as dificuldades de acesso à educação. Além disso, observamos o sofrimento e a resistência, evidenciada pela superação da fome e pela criação de um moinho ao final da história. Esse ato, ao possibilitar a colheita de alimentos e melhorar as condições de vida do vilarejo, alinha-se diretamente aos princípios da ADE: a defesa da vida e minimização de sofrimentos evitáveis.

**Palavras-Chave:** Análise do Discurso Ecológico (ADE); Interações comunicativas; Imagem; Memória; O menino que descobriu o vento.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar os efeitos de sentido nas interações comunicativas do filme *O menino que descobriu o vento*, entre William Kamkwamba e outros personagens, como família, amigos e professores, considerando os ecossistemas natural, mental e social. Em relação ao ecossistema mental, utilizamos os estudos sobre memória de Damásio (2012, 2018), Halbwachs (2013) e Le Goff (1999), além das análises de imagem propostas por Aumont (2002).

O filme *O Menino que Descobriu o Vento*, dirigido por Chiwetel Ejiofor, está disponível no canal de *streaming* Netflix e é baseado em uma história real, retratando a vida do jovem William Kamkwamba, que vive em um vilarejo da República do Malawi, na África Oriental. No início do filme, notamos os desafios que o personagem enfrenta ao ir à escola de seu vilarejo, pois ele

## ECO-REBEL

deveria pagar para assistir às aulas e ter acesso à biblioteca, visto que não há educação gratuita em seu país. Devido à seca, a família não tinha condições de arcar com as mensalidades do garoto. William se depara com a fome, a depressão e a perda do seu cão Gwamba, causando grande dor e sofrimento, porque ele era um dos poucos amigos que lhe restaram. Essas dificuldades foram analisadas sob o viés da Análise do Discurso Ecológica (ADE), que se baseia em dois princípios fundamentais: 1) defesa incondicional da vida e 2) luta contra todo e qualquer sofrimento evitável.

Inicialmente, abordamos os princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso Ecológica (ADE), assim como seus conceitos fundamentais. Além disso, discutimos os conceitos de memória e de imagem. Em seguida, descrevemos os principais eventos do filme e analisamos esses eventos sob a ótica da ADE, ressaltando também as características principais da memória e da imagem que nos auxiliam no entendimento do sofrimento vivenciado pelo protagonista da trama.

Por fim, apresentamos os resultados e as considerações finais da pesquisa, o que pode motivar o surgimento de outros trabalhos, que utilizam os princípios da ADE e dos conceitos de memória e imagem a fim de investigar eventos do cinema ou questões sociais.

### **Análise do Discurso Ecológica**

Conforme mencionado, este estudo utiliza os pressupostos teóricos da ADE, que dispõe de algumas fontes de inspiração para a análise dos fenômenos linguísticos sob uma perspectiva ecológica, a saber: a Ecologia Profunda, formulada pelo filósofo Arne Naess; o Taoísmo; a Análise de Discurso Positiva, proposta por Martin (2004); a Ecologia social; dentre outras. A ADE visa analisar como os discursos e os sentidos são construídos, partindo sempre do ecossistema linguístico, com ênfase na defesa da vida. Assim, dedica-se ao estudo de todo e qualquer fenômeno linguístico (COUTO; RAMADAN, 2024), não se restringindo aos de cunho político-ideológico, como fazem as outras ADs de linha crítica e de linha francesa.

Sob essa perspectiva, a ADE preocupa-se em entender como os discursos atuam e emergem nos ecossistemas natural, mental e social, compreendendo a língua/linguagem como fenômeno biopsicossocial (COUTO; RAMADAN, 2024). Ao partir das interações comunicativas, no seio do ecossistema linguístico, apresenta a ideia de que o texto-discurso surge de uma rede de interações

comunicativas que produz sentidos. Nesse âmbito, estão envolvidas as dimensões natural, mental e social (COUTO; RAMADAN, 2024).

Justifica-se o emprego da expressão texto-discurso, porque todo discurso é materializado em um texto, assim como todo texto veicula um discurso. Nesse sentido, o texto é uma forma pela qual o discurso caminha; é um evento da comunicação que emerge sob diversos modos. Ressalta-se que discursos diferentes, ao serem compreendidos como valores socioculturais, manifestam-se sob qualquer forma de texto (SILVA, 2022). Portanto, o discurso é “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (SILVA, 2022, p. 19).

Com base no ecossistema, a ADE vale-se da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), que investiga as categorias do fluxo interlocucional, ou seja, os elementos que constituem o diálogo. Assim, ao discutir sobre os atos de interação comunicativa, analisa categorias linguísticas, como as sintáticas, morfológicas e semânticas, além das paralinguísticas. Dessa forma, dedica-se ao estudo do cenário onde as interações acontecem, do falante e do ouvinte que estabelecem a comunicação, das regras interacionais que determinam as regularidades da interação de uma comunidade (COUTO; RAMADAN, 2024).

Nesse âmbito, importa repetir as principais categorias utilizadas pelos praticantes de ADE para analisarem seus objetos de estudos, quais sejam: defesa incondicional da vida; recomendação para intervir em defesa da vida e evitar o sofrimento evitável; abordagem das questões pelo lado positivo, e não pelo negativo, buscando a harmonia e a comunhão. Diferentemente de outras linhas de análise do discurso, a ADE pode se debruçar sobre todo e qualquer texto-discurso, uma vez que sua visão é holística, embora seu texto-discurso prototípico seja o dialógico.

Destaca-se que a língua, conforme a ADE, é vista como uma interação verbal ou comunicativa dentro do ecossistema linguístico, análogo ao ecossistema biológico, com exceção das interações sistêmicas (sintáticas, morfológicas, semânticas), que não existem nesse último. Esses dois ecossistemas possuem uma população de organismos vivos — chamada de povo (P), no ecossistema linguístico —, um lugar ou território (T) — onde esses organismos vivem e convivem e interagem entre si — e uma linguagem/língua (L).

Com base nisso, é necessário descrever as três dimensões do ecossistema linguístico apresentadas por Couto & Ramadan (2024). Observa-se que a dimensão natural diz respeito ao meio ambiente, envolvendo, além do ser humano, todo o meio circundante, incluindo os

## ECO-REBEL

propriamente “naturais” e os construídos, como as cidades e outras construções humanas que passam a ter existência própria. Já a mental deve ser entendida como habilidade interior de cada um dos membros da comunidade, que são dotados de cérebro, no qual há uma mente. Nesse caso, o T é o cérebro, local onde ocorrem interações entre os neurônios, dando origem à mente. Por fim, a social é constituída pelos sujeitos, isto é, por aqueles que interagem em um meio, envolvidos nos diversos papéis sociais. Salienta-se que essas interações estabelecidas constituem a linguagem como fenômeno social e histórico (COUTO; RAMADAN, 2024).

Ressalte-se que as dimensões apresentadas não são independentes, uma vez que interagem entre si, constituindo o ecossistema integral da língua. Além disso, a mental configura-se em um tipo de elo entre a social e a natural. Pode-se afirmar que a ADE busca olhar para as interações como fundamento da existência do discurso, em que a língua se encontra articulada ao meio ambiente. Pensa-se, numa forma de Ecossistema Fundamental da Língua (EFL), na medida em que reúne, em sua base, três meios ambientes que, em conjunto, propiciam sua existência, sua produção e disseminação.

A ADE parte da Visão Ecológica de Mundo (VEM), isto é, compreende os objetos de estudo em sua integralidade. Além disso, procura abordá-los de maneira positiva, mas não desconsiderando o que é negativo, de modo a observá-lo a partir de outra perspectiva. Entende-se que essa visão permite lançar um olhar diferente para o mundo, enxergando-o do ponto de vista ecológico.

Nesse trabalho, focalizamos apenas o ecossistema mental para analisar o filme *O menino que descobriu o vento*. Assim, utilizamos a categoria da memória, além de nos apoiarmos nas contribuições da questão da imagem para tal empreitada. Dessa forma, faz-se necessário apresentar algumas considerações acerca da memória para lançarmos um olhar em relação aos dados desse trabalho.

Em relação à mente, o critério para a existência dela, é “a capacidade de exibir imagens internamente e de ordenar essas imagens num processo chamado pensamento” (DAMÁSIO, 2012, p. 96). Essas imagens não são apenas visuais, mas podem ser olfativas, sonoras etc. As imagens são as principais constituintes do pensamento, independente de qual sentido as gera e a que se referem. Nesse sentido, segundo Damásio (2012), a base da mente é constituída de imagens – visuais, auditivas e somatossensoriais – que são respostas internas resultantes da interação do organismo com o ambiente. Assim, mesmo as respostas tidas como exteriores, como um

## ECO-REBEL

comportamento social ou uma reação espontânea do corpo, ocorrem e emergem devido a ordens vindas do cérebro, o que corrobora ao já exposto de que o ecossistema mental ocupa uma posição intermediária entre o natural e o social.

Damásio (2018) nos mostra que foi preciso uma relação de sistemas nervosos e corpos para gerar mentes humanas, e que mentes surgiram não em organismos isolados, mas em organismos que faziam parte de uma estrutura social. Como se vê, essas considerações consolidam a perspectiva da ADE, que vê a integração entre os âmbitos natural, mental e social, levando em conta que é preciso estudá-los em conjunto, de forma holística. É importante ressaltar que, corpo, consciência, sentimentos e imagens são aspectos que estão todos interligados em processos complexos que denominamos de mentais. A natureza das imagens do agora, do passado e do futuro é a mesma, porque são construções desenvolvidas pelo cérebro (DAMÁSIO, 2012).

Para esse trabalho, foi desenvolvida uma relação entre memória e linguagem. Nesse sentido, a relação entre memória e linguagem, nas palavras de Le Goff (1990), existe devido ao fato que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, nada mais são do que resultados de sistemas dinâmicos de organização, e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui. Alguns cientistas foram levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas. Assim, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (LE GOFF, 1990).

Em suas teorizações, Halbwachs (2013) comenta sobre a possibilidade de coisas que vemos hoje tomarem lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas; essas lembranças, inversamente se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Essas considerações vão ao encontro das contribuições de Damásio (2012), segundo as quais as imagens de nossa mente são uma construção e interpretação da realidade.

Maurice Halbwachs (2013) não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida. A memória não é, para o autor, fruto do sonho, mas do trabalho de refazer, com ideias atuais, as experiências do pretérito. Não se trata, assim, de reviver o passado tal qual ele pudesse ter sido realizado, mas de um esforço de reconstrução desse passado diante de nossas atuais possibilidades.

A contribuição de Halbwachs acerca da memória estava em perceber que longe de ser processo que apenas se dá no cérebro humano a partir da atualização de vestígios que foram

guardados neurologicamente pelos indivíduos, havia uma dimensão social tanto na memória individual como na memória coletiva. Isso se dá porque mesmo o indivíduo que se empenha em reconstruir e reorganizar suas lembranças inevitavelmente recorrerá às lembranças de outros, e não apenas olhar para dentro de si mesmo em conexão com um processo meramente fisiológico de reviver mentalmente fatos já vivenciados.

A memória é um processo complexo que passa pela percepção dos nossos sentidos, como também pelos nossos sonhos e ilusões e ativa lembranças por meio das vivências e das experiências cotidianas, onde lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Assim, a memória é construída pela soma de nossas experiências em relação à percepção de tempo.

### **A questão da imagem**

Como se vê, apresentamos, neste trabalho, a problemática da imagem, que se constitui em um dos elementos desse trabalho. Para essa discussão, utilizamos a obra *A Imagem*, de Jacques Aumont. O autor se concentra em estabelecer as bases para o estudo da imagem, abordando seu conceito de maneira ampla. Ele explora a questão "O que é uma imagem?" de maneira filosófica e teórica, tentando desvendar os significados e as implicações por trás desse conceito que parece simples, mas é altamente complexo.

Em *A Imagem*, Aumont (2002) oferece uma análise abrangente e detalhada sobre o conceito de imagem, explorando-o em diversos contextos e sob diferentes perspectivas. Aborda-a como objeto visual e estético, mas também a entende como um fenômeno de representação e interpretação, o que faz de sua análise uma discussão profunda e multifacetada sobre o papel das imagens em nossa sociedade. Ao longo de sua obra, o autor não se limita a definições simplistas ou unidimensionais da imagem. Pelo contrário, ele revela a complexidade inerente ao que enxergamos e interpretamos diariamente.

O conceito de imagem apresentado por Aumont é polissêmico, ou seja, assume diferentes significados conforme o contexto em que é empregado. A imagem, segundo o autor, pode ser entendida tanto como representação pictórica quanto como imagem mental. Para ele, a imagem está presente em diversas esferas, desde a arte até as vivências cotidianas, sendo, assim, um reflexo de nossa relação com o mundo. Nesse sentido, Aumont estabelece uma distinção fundamental entre imagem-representação, que busca remeter ao real, e imagem-signo, que carrega consigo uma carga comunicativa, ultrapassando o simples ato de representar.

## ECO-REBEL

A imagem-representação está associada à mimese, isto é, à imitação ou reprodução do mundo visível. Exemplo disso são pinturas, fotografias e filmes que se esforçam para imitar a realidade ou retratar aspectos do mundo tangível. Nesse contexto, a imagem desempenha o papel de evocadora de emoções, ao fazer com que o espectador “veja” algo que não está presente fisicamente. Já a imagem-signo vai além dessa reprodução do real, configurando-se como um veículo de comunicação simbólica. Aqui, a imagem não é apenas aquilo que se vê, mas sim algo carregado de significados e interpretações, que dependem de contextos culturais e simbólicos mais amplos.

Aumont atribui ao cinema um papel especial dentro do universo das imagens, justamente por sua relação intrínseca com o movimento e o tempo. O cinema, segundo o autor, não se limita a registrar o real, mas sim a criar realidades próprias por meio da manipulação de imagens em movimento. Essa capacidade do cinema de reorganizar o tempo e o espaço através da montagem revela seu poder de criar novos sentidos e significações, transcendendo o simples registro da realidade para alcançar a expressão da subjetividade dos cineastas.

A montagem no cinema, discutida por Aumont, permite reorganizar a narrativa visual de forma a criar uma nova lógica temporal e espacial. Essa manipulação de tempo e espaço, própria do cinema, é fundamental para construir a complexidade das histórias e emoções que essa arte proporciona. O poder de transformar a sequência das imagens confere ao cineasta o papel de um criador de mundos e realidades que, mesmo partindo do real, são reinterpretadas e reorganizadas.

Outro aspecto crucial na análise de Aumont é sua discussão sobre a estética da imagem. Ele investiga como as imagens podem evocar diferentes categorias estéticas, como o belo, o sublime e até o grotesco. Essas categorias não são fixas, mas, ao contrário, moldam-se a partir da percepção e do contexto cultural de cada espectador. A análise estética de Aumont também o leva a discutir a iconoclastia, ou seja, a destruição de imagens por razões religiosas, políticas ou ideológicas. Esse fenômeno é importante para demonstrar o forte poder simbólico das imagens, que frequentemente provocam reações intensas a ponto de serem censuradas ou atacadas.

Aumont (2002) também reflete sobre o papel da imagem na sociedade contemporânea, onde somos constantemente bombardeados por uma enxurrada de imagens. Ele destaca a necessidade de desenvolvermos uma postura crítica em relação a essas imagens, entendendo suas implicações ideológicas, culturais e emocionais. O autor finaliza argumentando que, embora as imagens possam parecer representações fiéis da realidade, elas são sempre mediadas por

## ECO-REBEL

construções simbólicas e significados culturais. Isso implica que a imagem nunca é neutra e, portanto, deve ser interpretada de maneira consciente e crítica.

Em *A Imagem*, Jacques Aumont oferece uma reflexão profunda sobre o papel das imagens em nossas vidas, não apenas como meios de representação, mas como veículos de comunicação e de construção de sentidos. Ao enfatizar a importância de um olhar crítico, ele nos convida a repensar nossa relação com as imagens, reconhecendo seu poder de moldar a realidade que percebemos e interpretamos.

### O Menino que descobriu o vento

Figura 1: William e sua família (Fonte: Google Images e Netflix)



*O Menino que Descobriu o Vento*<sup>1</sup> é um filme de 2019 dirigido por Chiwetel Ejiofor, baseado no livro homônimo de William Kamkwamba e Bryan Mealer. O filme, produzido no Reino Unido e distribuído pela Netflix, tem uma duração de 113 minutos e conta com trilha sonora de Antônio Pinto e fotografia de Dick Pope. A trama se passa em uma pequena vila na República do Malawi, um país da África Oriental, e que possui o inglês como língua oficial, além de possuir outras línguas locais, onde William Kamkwamba, interpretado por Maxwell Simba, é um garoto curioso e apaixonado por ciências e invenções.

---

<sup>1</sup> Título original *The boy who harnesses the wind* (Fonte: autoria própria).

## ECO-REBEL

A história se desenrola em meio a uma severa seca que atinge a vila, resultando em uma crise de fome que ameaça a sobrevivência da comunidade. A escola onde ele estuda é fechada devido à falta de pagamento das mensalidades, mas William continua visitando a biblioteca da escola, onde encontra um livro sobre como gerar eletricidade. Inspirado pelo livro, William tem a ideia de construir uma turbina eólica para bombear água e irrigar as plantações. Apesar de poucos recursos e do ceticismo do seu próprio pai, William persevera. Ele recolhe peças de sucata e trabalha incansavelmente para realizar seu projeto. Com a ajuda de seu pai e outros membros da comunidade, ele finalmente constrói a turbina eólica. O sucesso de William em bombear água do poço salva as plantações e traz esperança para sua vila.

A história não apenas ajuda a comunidade a superar a fome, mas também leva William a ganhar reconhecimento internacional. O filme destaca temas como inovação e engenharia, resiliência e perseverança, o papel crucial da educação e do acesso ao conhecimento, e a importância da colaboração e do apoio comunitário em tempos de crise. Após essa explanação da obra, objetivamos apresentar e analisar as interações comunicativas no filme supracitado, abordando a questão do sofrimento vivenciado pelo protagonista em seu ecossistema mental. Observamos a seguir a figura:

Figura 2: A seca no vilarejo



A imagem acima é carregada de simbolismo. Ao analisá-la sob as perspectivas da imagem e da memória, refletimos sobre a representação visual e a carga emocional que ela carrega. Aumont discute como as imagens são construídas e como elas comunicam significados. A imagem dos campos secos e rachados evoca uma realidade brutal: a seca e suas consequências devastadoras

## ECO-REBEL

para a comunidade. Esses elementos visuais não são apenas representações; eles se tornam testemunhos da miséria e da luta pela sobrevivência. A maneira como os campos estão retratados pode remeter ao conceito de memória (HALBWACHS, 2013; LE GOFF, 1990; DAMÁSIO, 2012, 2018), resgatando as lembranças de épocas de fartura, que agora parecem distantes.

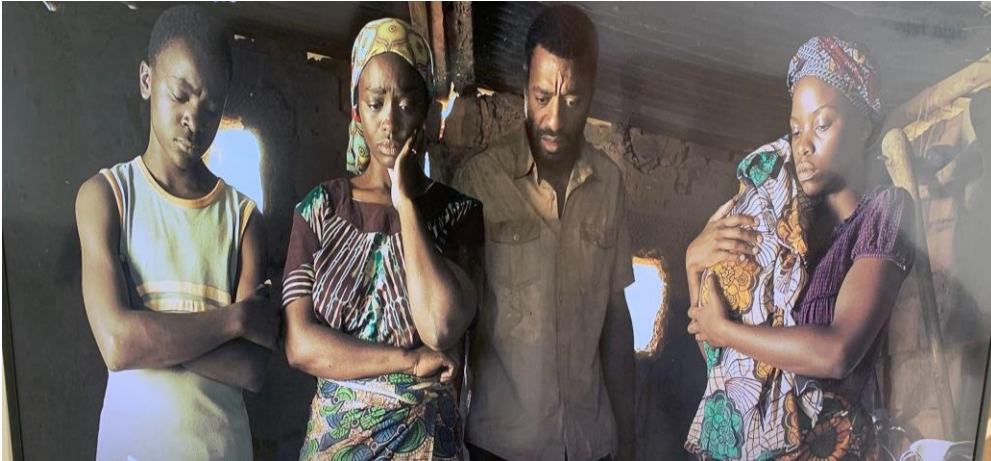
A seca e a fome são temas que não apenas afetam as comunidades, mas também marcam suas memórias coletivas (LE GOFF, 1990). A imagem pode ser vista como uma chamada à ação, evocando uma memória coletiva que leva os espectadores a refletir sobre crises humanitárias. Aumont (2002) destaca que a imagem pode ativar a memória, fazendo com que o público se conecte emocionalmente com a dor e o desespero dos personagens. A expressividade das faces e posturas das pessoas pode intensificar essa conexão, sugerindo não apenas um sofrimento individual, mas um sofrimento compartilhado, ou seja, o sofrimento de William e de seu vilarejo.

Os campos rachados simbolizam a desolação e a impotência diante de forças da natureza que destroem vidas e causam sofrimento. A estética dessa imagem pode ser interpretada como um convite à reflexão sobre as condições sociais que permitem que tais crises ocorram. A fome e a miséria são apresentadas como experiências coletivas, refletindo uma realidade que muitos enfrentam. Aumont (2002) discute a ideia de que as imagens não apenas representam, mas também criam significados que podem perpetuar ou desafiar estigmas sociais. Neste caso, a imagem pode ser um meio de sensibilizar o público sobre a crise da fome, incentivando a empatia e a solidariedade.

A imagem do filme encapsula a luta pela sobrevivência em um contexto de seca e fome, servindo como um poderoso lembrete da vulnerabilidade humana. Ao considerar as reflexões de Aumont (2002), fica evidente que a imagem vai além de uma simples representação; ela se transforma em um veículo de memória e emoção. A seguir, apresentamos uma análise da próxima imagem:

## ECO-REBEL

Figura 3: A família de William



Fonte: A autoria própria

A imagem acima retrata a família de William preocupada com a escassez de alimentos, além de demonstrar o sofrimento e a luta diária por sobrevivência em um contexto de seca e falta de recursos. Na imagem, observamos que cada membro da família expressa uma angústia palpável, simbolizando a carga emocional que a falta de recursos alimentares impõe sobre aqueles que se encontram em situação vulnerável. Essa cena não é apenas uma representação visual de uma crise, mas uma poderosa narrativa sobre o desespero e a fragilidade da vida.

Aumont (2002) discute que as imagens têm o poder de evocar memórias e emoções, e neste caso, a visualização do sofrimento familiar nos conecta a experiências passadas de dificuldades. A falta de comida, especialmente em um ambiente rural, gera não apenas a preocupação imediata sobre o que comer amanhã, mas também a ansiedade em relação ao futuro das crianças, que são o foco da esperança e do investimento emocional dos pais. A escassez se torna uma ameaça não só à subsistência, mas também à dignidade e ao bem-estar emocional de todos os envolvidos, afetando, inclusive, sua cognição, o que nos leva a refletir sobre o sofrimento no ecossistema mental.

Essa situação de crise é profundamente dolorosa, como observamos nas interações entre os personagens. A angústia visível nos rostos da família reflete o desespero de saber que o pouco que têm pode não ser suficiente para suportar os desafios de um período prolongado de seca. Durante o filme, observamos que o pai de William talvez se sinta impotente, carregando o peso das responsabilidades familiares, enquanto a mãe tenta acalmar os filhos e manter viva a esperança

## ECO-REBEL

por dias melhores. As crianças, por sua vez, podem não entender completamente a gravidade da situação, mas sentem a tensão no ar, afetando seu senso de segurança.

A relação entre a imagem e o fenômeno da memória é crucial nessa situação. Essa representação, seguindo os princípios de Halbwachs (2013) e Damásio (2012), pode trazer à tona recordações de outras crises de escassez, tanto pessoais quanto coletivas, como bem lembrado pela mãe de William. Ao utilizarmos o princípio de intervenção contra o sofrimento da ADE, essa conexão emocional pode ser um poderoso motivador para a ação, criando uma rede de solidariedade que busca enfrentar e aliviar o sofrimento alheio.

A imagem da família diante da escassez de comida transcende a sua realidade imediata, tornando-se um símbolo das lutas humanas universais. A dor e o desespero expressos por aqueles cinco personagens são um chamado à empatia e à ação, lembrando-nos de que a luta contra a fome e a miséria é uma responsabilidade coletiva que exige nossa atenção e compaixão. Vejamos a próxima imagem:

Figura 4: William sendo expulso da escola



Fonte: autoria própria

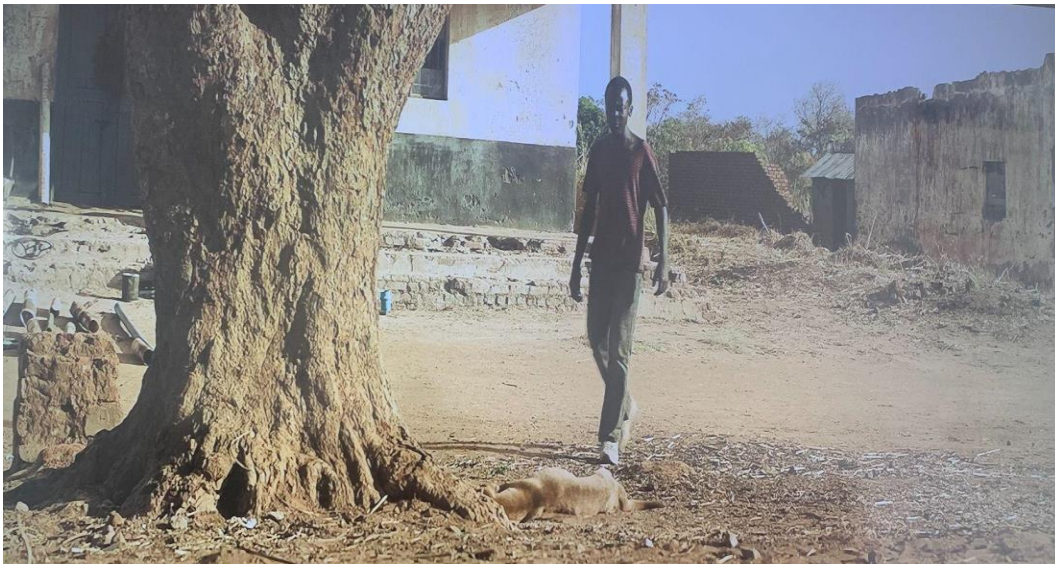
Nessa cena, William enfrenta um momento de desespero ao ser expulso da escola devido à incapacidade financeira de seus pais. Sua imploração ao diretor, cheia de emoção e esperança, revela não apenas seu amor pela educação, mas também o peso da responsabilidade que sente em relação à sua família. Essa situação exemplifica o sofrimento mental que muitos jovens enfrentam diante das barreiras impostas pela pobreza, evidenciando como um sistema educacional pode excluir aqueles que mais necessitam de conhecimento.

## ECO-REBEL

O contraste entre William e o diretor é emblemático: enquanto William simboliza esperança e determinação, o diretor representa a rigidez de um sistema que prioriza a capacidade financeira sobre o potencial humano. A cena não é apenas um registro visual, mas um veículo que transmite a dor e a luta de William (AUMONT, 2002). Sua expressão nos provoca empatia, levando-nos a refletir sobre as desigualdades sociais. Assim, a imagem provoca uma memória afetiva, lembrando-nos de nossas próprias experiências de injustiça e exclusão (LE GOFF, 1990; HALBWACHS, 2013; DAMÁSIO, 2018).

Essa conexão emocional ressoa com o fenômeno da memória, pois evoca lembranças de fragilidade e luta por direitos. A perseverança de William se torna um símbolo da luta coletiva de muitos que se negam a desistir de seus sonhos. A cena é um poderoso lembrete das dificuldades enfrentadas por jovens em contextos de pobreza e um chamado à empatia e à ação, estimulando uma reflexão sobre como podemos contribuir para um futuro mais justo e igualitário, diferente daquele vivenciado por William e sua família no vilarejo.

Figura 5 - A morte de Simba



Fonte: autoria própria

A cena em que William descobre a morte de seu cão Simba é um momento crucial. Nesse instante, a perda do animal não é apenas uma tragédia pessoal, mas um símbolo potente da escassez e da adversidade que permeiam a vida em sua comunidade. Através da lente das ideias de Jacques Aumont (2002), podemos explorar como essa imagem não só captura um momento específico,

mas também ativa uma complexa rede de memórias e emoções, tanto no personagem quanto no espectador.

Aumont (2002) discute a imagem como um fenômeno que transcende sua mera representação visual. Ele argumenta que as imagens têm a capacidade de evocar memórias, resgatando experiências passadas que moldam a percepção do presente. Nesse sentido, a imagem de William chamando por Simba e recebendo o silêncio como resposta não é apenas uma representação da perda, mas um convite à reflexão sobre a fragilidade da vida em condições adversas. Essa evocação pode trazer à tona memórias individuais de perdas e de lutas, criando uma conexão íntima entre o espectador e a narrativa.

Nesse contexto, a morte de Simba não é um evento isolado, mas parte de um ciclo de dificuldades que inclui a fome, a seca e o sofrimento. Aumont sugere que as imagens têm a capacidade de tornar visíveis essas experiências coletivas, ressoando com a dor e o sofrimento que muitos enfrentam em situações semelhantes. A cena não só mostra a perda de um amigo, mas também simboliza a perda de esperança e a luta contínua pela sobrevivência em um ambiente marcado pela escassez de recursos.

Além disso, a memória desempenha um papel fundamental na forma como essa cena é percebida. O espectador, ao vivenciar a dor de William, pode rememorar suas próprias experiências de perda e desamparo, criando uma ponte emocional que une diferentes vivências. Essa conexão com o passado é essencial para compreender a profundidade da cena. O silêncio de Simba, em vez de ser apenas uma ausência, torna-se um eco das vozes de muitos que também sofreram a perda em meio a dificuldades.

A imagem de William diante do corpo de seu cão carrega um peso simbólico que vai além da narrativa pessoal. Ela evoca uma reflexão sobre a relação entre ser humano e animal em contextos de crise, enfatizando a importância da lealdade e da amizade em tempos de adversidade. A cena nos convida a considerar como essas conexões podem ser afetadas por fatores externos, como a pobreza e a fome, e como elas podem nos ensinar sobre resiliência e solidariedade.

Por fim, o fenômeno da memória sugere que as imagens têm o poder de não apenas representar, mas também transformar a maneira como pensamos e sentimos sobre eventos passados (DAMÁSIO, 2012; 2018). A cena de William e Simba, portanto, não é apenas uma representação da perda, mas um espaço de reflexão que desafia o espectador a confrontar suas próprias memórias de luta e superação.

### Considerações Finais

Nas considerações finais deste trabalho ressaltamos a importância da Análise do Discurso Ecológico (ADE) para compreender o objeto de estudo, especialmente no que tange ao ecossistema mental. A ADE proporciona uma abordagem aprofundada das relações discursivas que moldam a construção de significados, permitindo uma interpretação mais rica das experiências humanas em contextos complexos. No caso do filme *O Menino que Descobriu o Vento*, essa análise se torna crucial para elucidar como as narrativas visuais e sonoras interagem para transmitir a trajetória de William Kamkwamba.

As análises desenvolvidas ao longo do trabalho foram fundamentais na composição do trabalho final, visto que os elementos em todo o trabalho não apenas servem para contar uma história, mas também para evocar emoções e provocar reflexões sobre as adversidades enfrentadas por William. A articulação da problemática da imagem com a ADE possibilita uma leitura mais ampla das mensagens subjacentes, revelando como as condições socioeconômicas e culturais influenciam a percepção do sofrimento e da resiliência.

A problemática da imagem discutida por Jacques Aumont (2002) complementa essa análise ao destacar a relação entre imagem e significação. O autor enfatiza como a construção da imagem no cinema é um ato de criação de sentido, que dialoga diretamente com as experiências e identidades dos personagens. Essa perspectiva é essencial para entender a relevância da história de William, cuja luta contra a adversidade representa não apenas um relato individual, mas uma reflexão sobre questões mais amplas, como a pobreza, a educação e a esperança.

O presente trabalho, ao abordar essas interseções, não apenas contribui para a discussão acadêmica sobre a Análise do Discurso Ecológico, mas também abre espaço para novas investigações. Espera-se que a análise do sofrimento de William inspire outros pesquisadores a explorar narrativas similares, fomentando uma maior compreensão sobre a resiliência humana em contextos desafiadores.

### Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 7. ed. Campinas, Sp: Papyrus, 2002. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro.

COUTO, Elza K. N. N. do; RAMADAN, Maria I. B; **Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental**. São Paulo: Pontes, 2024.

## ECO-REBEL

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 2012.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTIN, James R. **Positive discourse analysis: Solidarity and change**. *Revista canaria de studios ingleses*: 179-200, 2004.

SILVA, A. N. Da. **O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológico**. BOLETIM DO GEPLA, n. 10, p. 16-21, 2022.

Aceito em 12 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.